

MEMÓRIAS DE NORMALISTAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS, NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960, EM PELOTAS/RS

GIANA LANGE DO AMARAL*
MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOUZADA**

RESUMO

Neste artigo realizamos um estudo de abordagem historiográfica, que privilegia a análise de memórias de normalistas, de duas escolas da cidade de Pelotas, uma pública, de cunho laico, e outra privada, de educação confessional. Objetivamos investigar, com o amparo dos pressupostos teóricos metodológicos da História Cultural e da História Oral, algumas narrativas de professoras, que se formaram na Escola Normal Assis Brasil (instituição estadual) e na Escola Normal São José (instituição privada). Acreditamos que pesquisar sobre a formação docente das normalistas contribui na revelação de fatos que não se encontram registrados nos arquivos escolares e que auxiliam na construção da história de trajetórias discentes e docentes.

Palavras-chave: Memórias de Normalistas; História Oral; Formação Docente.

ABSTRACT

NORMALISTAS MEMORIES: A REFLECTION ON TEACHING TRAINING PRIMARY, IN DECADES OF 1950 AND 1960 ON PELOTAS/RS

In this article we conducted a study of historical approach that focuses on analysis of teachers memories of two schools in the Pelotas city, one public, of secular nature, and other private, confessional education. We aimed to investigate, with the support of theoretical and methodological assumptions of Cultural History and Oral History, some narratives of teachers who graduated from Normal School Assis Brazil (state institution) and Normal School São José (private institution). We believe that research about how was the formation of teachers in normal schools contributes to the revelation of facts that

* Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – PPGE/UFPel. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CEIHE/UFPel (Centro de Pesquisas e Investigações em História da Educação). Bolsista Produtividade CNPQ/ PQ2. E-mail: gianalangedoamaral@gmail.com

** Mestre e Doutoranda em Educação do PPGE/UFPel. Integrante do Grupo de Pesquisa CEIHE/UFPel (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação). Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Anhanguera de Pelotas. E-mail: mcslouzada@gmail.com

are not registered in school files, and contribute to build the history of students and teachers trajectories.

Keywords: Normal Teachers; Memories; Oral History; Teacher Training.

Palavras iniciais

Neste estudo de abordagem historiográfica, privilegiamos analisar aspectos da memória e das trajetórias discentes e docentes de quatro normalistas que se formaram em Pelotas/RS nos anos de 1960 e 1961, em duas instituições de ensino diferentes, uma pública e outra privada, ambas localizadas na área central da cidade.

Objetivamos analisar, com o amparo metodológico da História Oral, as narrativas de formação e de atuação inicial das normalistas egressas dos Cursos de Formação de Professores das Escolas Normais São José e Assis Brasil.

Apresentamos reflexões sobre a memória e suas representações tendo como ponto de partida a investigação das narrativas. Acreditamos que o estudo de trajetórias de formação docente de décadas passadas, poderá auxiliar na constituição do conhecimento histórico sobre os processos inerentes à formação do professor que atua nos anos iniciais em Pelotas, RS.

Com isso, buscamos fundamentação no campo da Nova História Cultural mantendo um diálogo com autores que vão possibilitar o embasamento teórico necessário para melhor compreender a formação dessas professoras primárias.

Entre memórias, narrativas e História Oral

Nesse estudo, as professoras revelam, nas narrativas, fatos importantes dos contextos sociais e políticos da sociedade em que estavam inseridas. Em suas lembranças são verificadas as influências dos preceitos religiosos e de educação moral e cívica, bastante apregoados na época em que faziam o curso de formação de professoras primárias. Nas falas evidenciamos acontecimentos que não se encontram registrados nos documentos dos arquivos das instituições pesquisadas nem nos periódicos examinados. Trazemos, então, a memória como uma fonte de pesquisa rica em revelações que instigam o “espírito indiciário” (GINZBURG, 1989) do historiador.

O ofício do historiador revela-se instigante, se pensarmos que ele precisa estar atento ao que as fontes parecem ocultar,

interpretando-as e fazendo emergir as suas verdades, “já que o passado nunca é um objeto que já está ali” (CHARTIER, 2009). A verdade do texto escrito em História será a verdade do historiador (CERTEAU, 2000), do seu olhar e do seu campo de pesquisa, sendo as fontes um instrumento que serve para fundamentar as suas interpretações, respaldando o conhecimento produzido.

Nas entrevistas, as memórias narradas, tornam-se um texto escrito recheado de emoções e por vezes de ilusões. Para Ginzburg (2006), “o encontro da página escrita com a cultura oral” é que fazia com que o narrador se atrapalhasse ao revelar suas verdades, formando uma “mistura explosiva” na mente.

Quando falamos em memória, logo se aproxima de nós um questionamento sobre as influências que esta sofre no transcorrer do tempo e nos espaços da vida de uma pessoa. Com o passar dos anos as pessoas guardam em suas lembranças fatos e momentos marcantes da sua história e muitos destes acontecimentos são selecionados conforme as recordações individuais ou coletivas de cada um.

Na visão de Thomson, por vezes a memória passa por uma negociação do processo coletivo de rememoração:

No que diz respeito a grupos, as memórias são consideradas individuais, mas ocorrem os maiores conflitos quando as pessoas insistem em que as lembranças dos outros sejam iguais às suas. Reuniões e aniversários são frequentemente fóruns de ásperos debates entre os participantes sobre a memória de um evento, mesmo quando todos o testemunharam. Eles discutem o que se passou e que interpretação dar à experiência (THOMSON, 2002, p. 85).

É comum pessoas constatarem que a sua memória é falha. O que ocorre é uma seleção no processo de lembrar e da forma como alguns fatos estão armazenados nas memórias individuais.

No processo de relato de acontecimentos sobre as vidas das pessoas ou no trabalho com biografias, Bordieu (1998), em seu texto, “A ilusão biográfica” frisa que não se pode tratar as histórias de vida com linearidade, pois isso seria conformar-se com uma “ilusão retórica”. O historiador precisa ir além da forma idealizada pelo narrador e ponderar que em cada testemunho poderão estar presentes inúmeras representações.

Neste sentido, Weiduschadt e Fischer analisam que é necessário

[...] insistir nas conexões entre os fatos relatados e a situação social, cultural e econômica que os perpassa. Portanto, não encarar história de vida sob a lente da assim denominada racionalidade ocidental que vê o mundo como se tudo dependesse da ação humana consciente e unitária. Mas, pelo contrário, perceber esta abordagem como uma das mais eficazes justamente por permitir que se venha a compreender, a partir da diversidade, as múltiplas especificidades que constituem a complexidade humana (2009, p. 71).

Cada indivíduo, ao recordar-se de sua história de vida ou de fatos vivenciados por ele, apresentará singularidades em suas narrativas e memórias, fazendo, por vezes, com que se formem construções imaginárias sobre acontecimentos reais buscando o que Josso (2006, p. 10) denomina de “a invenção de um si autêntico”. A autora esclarece que “a invenção de si tem necessidade não somente de um discurso sobre si mas de projetos de si”.

Observamos nas narrativas que envolvem histórias de vida e de trajetórias pessoais ou profissionais, onde a memória é constantemente evocada, que a pessoa realiza uma retrospectiva emocional, complexa, através da qual pode idealizar os fatos acontecidos de acordo com suas expectativas e vivências.

Estas vivências estão ligadas ao espaço ocupado pelos narradores, ao tempo vivido e ao contexto nacional e local. Em depoimento datado de 08 de setembro de 2014, uma das normalistas entrevistadas, a professora Vera Maria Lima, que se formou no Colégio São José em 1960, recorda que, à época em que foi aluna:

Fazíamos uma prova de seleção para ingressar no Curso Normal. A redação da seleção era toda voltada para o ideal de ser professor. O Curso era muito procurado. Na época, já orientavam que o melhor curso que a mulher deveria fazer era o magistério, porque ela conseguiria trabalhar meio turno e conciliar a vida de dona de casa. Porque o ideal era casar, ter os filhos e lecionar (LIMA, 08 SET. 2014).

Percebemos que nas décadas, aqui estudadas, 1950 e 1960, o Curso Normal tinha um grande valor para a sociedade, que induzia as meninas a ter este ideal de serem educadoras cultivando a ideia de que as futuras professoras não fugissem ao padrão sugerido

culturalmente à época. Das quatro entrevistadas, três casaram, tiveram filhos e lecionaram até a aposentadoria.

Fica evidenciado, através das narrativas, que a memória da entrevistadas passa por um processo de seleção, como se arquivassem apenas as coisas que pretendem lembrar e colocassem na lixeira o que não lhe convém. Um processo semelhante ao que fazemos em nossos computadores, onde selecionamos e arquivamos pastas que serão úteis, e descartamos o que não nos interessa mais.

Neste processo de seleção, chama atenção a importância dada à época pelas instituições de ensino aos atos formais e solenes. Isso pode ser observado, por exemplo, nos documentos que destacam que a solenidade de formatura da primeira turma de normalistas do Assis Brasil foi realizada no importante Theatro Sete de Abril¹. Iwaya em seu artigo, sobre o Instituto de Educação do Paraná, ressalta a relevância dos rituais de formatura:

Levando-se em conta a origem social das alunas do Instituto, o prestígio que a escola possuía, e que a profissão de professor detinha, além do fato de ainda serem minoria as mulheres que cursavam o curso secundário nesta época, é de se esperar que as solenidades de formatura fossem planejadas cuidadosamente, não só pelos alunos, mas também pela escola, para que estas resultassem em espetáculos de harmonia, de alegria, e otimismo. As dificuldades de qualquer nível, as rivalidades internas, as dúvidas e incertezas, deveriam dar lugar aos aplausos, sorrisos e choros emocionados. Nas formaturas, a escola não somente mostra-se à sociedade no máximo de seu brilhantismo mas, principalmente realiza-se, na entrega simbólica de novos profissionais (IWAYA, 2001, p. 7).

A relevância da solenidade de formatura, também é citada no diário da normalista Lúcia Helena Machado, que se formou no CSJ em 15 de julho de 1961. Encontramos registradas as seguintes palavras sobre o dia da formatura da turma:

² O Theatro Sete de Abril era o local onde se cultivava a cultura e a divulgação da arte no âmbito da sociedade pelotense na época. Fundado em 1833, encontra-se localizado num dos pontos mais nobres da cidade de Pelotas, no centro, em torno da Praça Coronel Pedro Osório. Foi o primeiro teatro construído no Rio Grande do Sul. Hoje em reforma, é um dos teatros mais antigos do Brasil, ver em <http://www.teatrosetedeabril.com.br/historico>.

A formatura foi linda. Um aluno de cada uma se apresentou no colégio, a pedido da D. Evangelista, para nos entregar 2 cravos de cabo comprido, naturais. Foi comovente. Recebi o diploma da mão da D. Lélia, que me disse: Lúcia, com muita honra te entrego o diploma! Meus parabéns! Aí fui até a Madre Maria Gonzaga que me deu uma medalha de “Honra ao Mérito” e as inscrições do C.S.J. (MACHADO, 24 abril 2015).

Tanto nas instituições públicas quanto nas privadas as questões referentes às formaturas dos Cursos de Formação de Professores Primários eram muito valorizadas e destacadas como uma solenidade de reconhecimento ao esforço e ao empenho das normalistas durante a época dos seus estudos e se revelam nas memórias, através das narrativas e da história das instituições formadoras de professores. Na visão das jovens professoras após formadas assumiram uma missão de relevância para a sociedade da época.

Este processo seletivo leva em conta que as considerações relacionadas à memória respeitam que “[...] os tempos de ontem são lembrados a partir de parâmetros da sociedade contemporânea” (FISCHER, 2005, p. 53).

Por força de tal entendimento, a memória, apesar de ter muitos significados, neste artigo é considerada como um conjunto de lembranças construídas com base no passado e trazidas com todas as atribuições que as vivências do presente lhe concedem (BURKE, 2005).

Na mesma direção, as autoras Ferreira e Amado, afirmam:

Esta linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre o passado e o presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 8).

Através dos estudos realizados, constatamos que na visão de Halbwachs (2006), a memória, como construção do passado, além de ser efetivamente seletiva, é resultante da análise de um contexto, um recorte de um momento lembrado, traduzindo-se como flexível, já que está pautada na experiência de vivências e emoções. O autor destaca assim a memória coletiva e aqui interessa, em especial, o ato de lembrar, como parte de uma sociedade e de uma época. Para Portelli (1997), nossas memórias se entrelaçam e se moldam

conforme o meio, apesar de serem lembranças individuais. O autor ao se referir às influências sociais da memória, afirma que “[...] o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”, e segue explanando em seu texto que “[...] a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças” (Portelli 1997, p. 16), admitindo o autor, assim, que prefere evitar o termo ‘memória coletiva, preferindo tratar de memória social.

Ao trabalhar com a memória, temos que ter claro que todo o discurso está vinculado às relações sociais e políticas que lhe trazem legitimidade, tendo consciência de que o historiador analisa as narrativas de um lugar de origem. Nesse sentido, segundo Certeau (2000, p. 66), “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural”, emergindo dessa conjuntura a importância do olhar crítico sobre as fontes de que dispõe.

Temos consciência de que a memória faz uma reconstrução, trazendo um significado novo aos fatos antigos e nesta linha, verifico a importância das influências temporais nas recordações individuais ou coletivas, como verifica Abrahão:

Sabemos, mediante estudos, de todos nós conhecidos, que a memória é reconstrutiva e que a significação que se deu a fatos no momento de seu acontecendo não é a mesma em outros momentos, em virtude de que a memória além de ser reconstrutiva é seletiva, mercê não só do tempo transcorrido e das diferentes ressignificações que o sujeito que rememora imprime aos fatos ao longo do tempo, mas, também, pelas ressignificações que ocorrem na relação desse sujeito com outros que também os vivenciaram (ABRAHÃO, 2006, p. 7).

Observamos constantemente, nas narrativas que envolvem histórias de vida e de trajetórias pessoais ou profissionais, que a pessoa realiza uma retrospectiva emocional, complexa, através da qual pode idealizar os fatos acontecidos de acordo com suas expectativas e vivências. Amaral analisa que:

Nesse sentido pode-se dizer que a memória traz a história vivida em uma dada temporalidade, sem que haja o compromisso com uma racionalidade conscientemente organizada, pois, geralmente, ela é carregada de uma forte carga emocional. Na memória, o passado representa muito mais do que análise e reflexão; ele é elevado a um grau de sacro e de mito (AMARAL, 2010, p. 65).

Percebemos nas constituições dos arquivos orais que as experiências de vida passadas são influenciadas sobremaneira pelas vivências da atualidade.

Durante as entrevistas, realizadas, algumas questões sociais e políticas foram levantadas. Constatamos, em depoimento de uma das ex-normalistas, algumas diferenças que haviam nos cursos de formações de professoras nas escolas laicas e nas escolas vinculadas às confissões religiosas, quanto às regras e disciplinamentos.

Em narrativa a respeito de uma viagem de estudos que um grupo de alunas fez ao Rio de Janeiro, junto a colegas do Instituto de Educação Assis Brasil, no ano de 1959, uma das ex-normalistas do Colégio São José deixa clara a questão do controle disciplinar ao referir que “as gurias do Assis Brasil tinham muito mais liberdade que nós, elas podiam sair e tudo, nós não, só com autorização e acompanhadas por algum responsável” (LIMA, 08 set. 2014). Nesta revelação, a professora destaca o rigor com que tinham que seguir as regras impostas pelo educandário.

Acreditamos que a pesquisa envolvendo trajetórias docentes e discentes traz consigo uma experiência formadora. Nesse contexto, ao trabalharmos com as vivências e experiências das normalistas, buscamos também aprimorar a formação docente de outras educadoras.

Os processos de rememoração pelos quais uma pessoa passa requerem o convívio e a troca com seus pares, o contato visual com o outro, com imagens e objetos que agucem as lembranças em comum. Halbwachs chama a atenção para a importância deste diálogo

Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro, e terem em comum todos os seus pensamentos. Embora em certos momentos suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outro detalhes de circunstâncias em que se encontravam quando já não estavam mais em contato, mas será preciso que se identifiquem um ao outro para que tudo o que de suas experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado em seu pensamento comum (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Por isso, na pesquisa histórica que tem como fonte a narrativa de quem vivenciou os acontecimentos, deve-se evitar considerá-los

de forma isolada do contexto em que os fatos ocorreram, levando em consideração o que, por vezes, parece estar oculto nos relatos orais e comparando as diferentes fontes.

Segundo Chartier (2009, p. 9), ao recordar fatos passados o historiador está buscando conhecimentos e contribuindo para “[...] a compreensão crítica das inovações do presente, as quais, por sua vez, nos seduzem e nos inquietam”. Trabalhar com a memória seduz e inquieta bastante os olhos do pesquisador.

Sabendo que a História Oral é a metodologia apropriada para buscar através da memória os relatos e narrativas com o intuito de reconstruir a história de trajetórias docentes, faz-se necessário ter o olhar voltado para o fazer historiográfico, focado na “[...] preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, 2005, p. 10).

Especialmente quanto à História Oral, alguns autores, no embasamento de análise de fatos históricos, admitem que poucas discussões são levantadas em torno dos problemas metodológicos que a envolvem, atribuindo tal resistência a um desinteresse e desconfiança, resultantes, por sua vez, “[...] de formas arraigadas de se conceber a história e a validade de suas fontes”, como conclui Ferreira (1994, p. 1).

Alberti (2005), ao abordar sobre a História Oral como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes consideradas contemporâneas, nos remete à atualidade das pesquisas históricas e à importância dos relatos de participantes e de testemunhas de fatos que marcam uma época. A autora afirma que a História Oral permite “reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades de uma sociedade” (ALBERTI 2005, p. 158). Muitos depoimentos enriquecem as pesquisas históricas por serem recheados de detalhes.

No presente estudo, nas narrativas da ex-aluna do Curso de Formação de Professores Primários, Vera Maria Lima, notamos uma série de informações relevantes, como quando, por exemplo, exalta a importância do uso do uniforme pelas normalistas na década de 1950, inclusive fora dos muros do Colégio:

Fomos ao Rio de Janeiro a passeio. O Rio de Janeiro era a capital do país e o Mário Meneguetti, que foi prefeito de Pelotas, na época era Ministro da Agricultura e conseguiu para a gente alguns tours. Fomos ao Palácio Itamarati, à rádio Nacional e visitamos a Faculdade Federal do Rio de Janeiro. E tínhamos que ir de uniforme nos passeios (LIMA, 08 set. 2014).

De acordo com Arriada e Santos (2010, p.72), “O uso do uniforme implicava padronizar uma homogeneidade entre todas, inibir vaidades e ocultar as formas sensuais do corpo feminino”. Posso pensar que tal critério poderia servir também para diferenciá-las das colegas de outros cursos.

A mulher nesta época é reverenciada não apenas como esposa e mãe, mas também como suporte do catolicismo, levada quase que naturalmente a seguir a profissão do magistério e, por conseguinte, a manter e propagar os valores morais e religiosos que assimilava durante sua formação.

As narrativas colhidas através de entrevistas enriquecem os trabalhos e as pesquisas na área da História da Educação. Na visão de Le Goff, as entrevistas são uma fonte de pesquisa riquíssima e operam como um “documento-monumento”.

Ao abordar a importância das entrevistas, Alberti (2005, p. 184) comenta sobre essa ideia afirmando que,

[...] podemos dizer que a entrevista é produzida para ser monumento. Seu caráter intencional de perpetuação de uma memória sobre o passado fica patente já na escolha do entrevistado, como testemunha importante a ser ouvida. Esse caráter “monumental” é dado pelo próprio pesquisador e em geral recebe a aprovação do entrevistado, que se sente honrado e satisfeito por estar sendo chamado a dar seu depoimento (ALBERTI, 2005, p. 184).

Percebemos nas pesquisas que envolvem depoimentos de trajetórias discentes e docentes, através da história oral, que os referidos relatos, ao contemplarem as experiências vivenciadas nos tempos escolares, contam com a influência de um imaginário que muitas vezes manifesta-se como verdade absoluta, cabendo ao pesquisador apurar os fatos e avaliá-los através do que as fontes vão apontar. Os narradores criam uma forma heróica de relatar suas vivências.

Na entrevista com a professora Maria da Glória Fonseca Pereira, que se formou na Escola Normal Assis Brasil em 12 de agosto de 1960, e começou a atuar numa Escola Estadual no interior de Canguçu na Sanga Funda, aparecem os desafios iniciais das práticas profissionais das normalistas recém formadas:

No início eu dei aula de primeira a quinta série. E todos os alunos na mesma sala, a gente repartia o quadro e fazia as atividades para uma determinada série. Se fosse primeira

série a gente muitas vezes tinha que pegar na mão pra ensinar a escrever, então era difícil e também fazíamos a parte administrativa, nós éramos de tudo não tinha essa de diretora, eu fui diretora, e professora tudo junto. Então eu nunca fui só diretora, então se a doméstica não vinha por algum motivo, então também isso nós fazíamos (PEREIRA, 16 fev. 2016).

Em cada entrevista, o entrevistado só se permite ir até o limite do que pode ser falado, assim como os limites encontrados em sua história e em suas vivências.

[...] as diferentes recordações expressam uma constante: o aprendizado de interdições, ou seja, do que podia e do que não podia ser feito, do que podia ou não podia ser pensado, atitude inclusive assumida no momento da entrevista, delimitando o que pode e não pode ser revelado. De fato, é assim que todos nós nos constituímos como sujeitos: impossível que alguém venha falar de si ou das histórias de que fez parte, sem ser a partir de um conjunto de regras e princípios que determinam seu texto (FISCHER, 2005, p. 40).

Ressaltamos que a análise das entrevistas, precisa ser cautelosa e atentar para todos os envolvimento da memória do entrevistado, assim como para a percepção do entrevistador. Nesse sentido, Thompson observa:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos? (THOMPSON, 1992, p. 197).

Na visão de Thompson (1992, p. 138), “[...] se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”.

O mesmo autor salienta que por intermédio das fontes orais e dos depoimentos pessoais “podemos num átimo ser transportados para um outro mundo” (THOMPSON, 1992, p. 174), ocorrendo a

revelação de fatos que não se encontram registrados nos arquivos.

Assim, a questão de pesquisa, ao buscar o suporte na História Oral, está realizando uma busca por vezes inédita e que será preservada como um documento, um objeto de estudo.

Conhecer histórias de outras épocas, adentrar na vida de sujeitos que tiveram ricas experiências em outros tempos, exige sensibilidade e rigor teórico, antes de tudo, se quisermos fazer das narrativas um objeto de estudo (FISCHER, 2011, p. 18).

Considerações Finais

Neste artigo procuramos analisar aspectos da História Oral como metodologia de pesquisa e da memória como importante fonte para as pesquisas que pretendem trabalhar com História da Educação, especialmente as que reconstituem trajetórias docentes e de tempos escolares. A cada pesquisa realizada em História da Educação, as fontes irão apontar os caminhos e o pesquisador fará o cruzamento entre elas para a construção apropriada do fazer historiográfico.

Mas sabemos, a partir do que foi referido nas análises aqui apresentadas que apenas a História Cultural permitirá ao pesquisador chegar a um “reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente” (PESAVENTO, 2008, p. 42). Por certo, são exigidos grande rigor e aprofundamento no trabalho com a História Oral, até por estarmos muitas vezes diante da memória que teima em fazer uma construção seletiva dos fatos passados.

Em toda a pesquisa acadêmica novas questões surgem. Novos rumos poderão evidenciar-se a partir de outros olhares sobre o objeto e a partir de novas interpretações das fontes. Aqui apresentamos algumas reflexões sobre as memórias e as trajetórias de normalistas que se formaram na cidade de Pelotas/RS em 1960 e 1961, que a qualquer tempo dependendo do espaço que estaremos ocupando poderão ser reformuladas.

REFERÊNCIAS

1. Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Prefácio: Historiando os CIPAs em seu acontecendo... um escrito à guisa de prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). *Autobiografias, Histórias de Vida e Formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. "PURA, DURA E SEGURA"; a vida das pensionistas do Colégio São José de Pelotas [65 – 79]. In: *Revista Tempos e Espaços em Educação*. jul/dez. de 2010, n. 5. Sergipe: Editora MFS; Aracaju: Diário Oficial, 2010.

BOURDIE, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes *et al.* *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva, 2005.

_____. (org). *Tempos de escola: memórias*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

IWAYA, Marilda. *Palácio da Instrução-representações o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*. Universidade Federal do Paraná, Instituto de Educação do Paraná, Programa de Pós-graduação em Educação. 2001.

JOSSO, Marie-Christine. Prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, n.15, São Paulo: Ed. Educ da PUC/SP, 1997.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistar; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz Daudt. História Oral e Memória: Aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, Márcia Ondina Vieira et. al. (orgs.). *Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

2. Entrevistas

LIMA, Vera Maria Moreira. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 08/09/2014.

MACHADO, Lúcia Helena Brauner. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 24/04/2015.

MECHEREFÉ, Heloísa Maksude. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 27/08/2015.

PEREIRA, Maria da Glória Fonseca. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 14/02/2016.